



**SÓNIA MARISA
PÓVOA SANTOS**

**MENTIRA E ANSIEDADE SOCIAL: COMPARAÇÃO
DE DIFERENTES MÉTODOS DE ENTREVISTA NA
DETEÇÃO DA MENTIRA**



Universidade de Aveiro Departamento de Educação
2014

**SÓNIA MARISA
PÓVOA SANTOS**

**MENTIRA E ANSIEDADE SOCIAL: COMPARAÇÃO
DE DIFERENTES MÉTODOS DE ENTREVISTA NA
DETEÇÃO DA MENTIRA**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense, realizada sob a orientação científica da Doutora Paula Emanuel Rocha Martins Vagos, Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Dedico este trabalho à minha mãe e ao meu João.

o júri

presidente

Prof. Doutora Sandra Cristina de Oliveira Soares
Professora Auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Prof. Doutor Carlos Fernandes da Silva
Professor Catedrático do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Paula Emanuel Rocha Martins Vagos
Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

Agradecimentos

Agradeço à professora Paula Vagos pela sua inteligência, exigência e empenho na minha orientação. Se calhar ainda não sabe, mas fez-me sentir apoio e inspiração durante este percurso.

À Beatriz Oliveira, por todas as horas que disponibilizou a acompanhar este projeto. Obrigada pelo exemplo de trabalho, responsabilidade, empenho, perfeccionismo e entusiasmo.

Um muito obrigado a todos os participantes, sem os quais seria impossível a realização deste trabalho. Um obrigado enorme pela disponibilidade e por em alguns dias mais complicados nos terem dirigido palavras de interesse para com este projeto, lembrando a sua importância e contribuindo para que me enchesse novamente de energia.

Agradeço também aos professores muito cativantes e estimulantes com quem tive a sorte de aprender nesta universidade e que mantiveram sempre o meu entusiasmo acordado!

Às formidáveis pessoas do Bloco 7 por me acolherem, me fazerem sentir em casa e tornarem mais fáceis e agradáveis alguns dias complicados.

Quero ainda agradecer à minha fantástica turma da licenciatura de Psicologia do ano 2009 – foram uma companhia inspiradora e estimulante.

Deixo aqui um agradecimento particular ao “grupo”: Lina, Marta, Paula, Pedro e Susana. Sempre nos fomos encontrando nos trabalhos disto e daquilo... E os trabalhos saíram bem, mas sobretudo saiu bem a amizade e o companheirismo que tornaram estes anos muito felizes.

Neste ano apesar do trabalho mais individual continuaram a ser colaborativos, prestáveis e importantes: Pedro, obrigada pela ajuda no angariar dos participantes; Marta, obrigada por ouvires os meus desabafos e partilhares comigo a tua serenidade; Susana obrigada pela companhia, pelo estímulo e troca de ideias sempre inspiradoras.

Lina, obrigada por me acompanhares neste processo como em todos, sempre atenta. Sabes que te admiro e que sempre foste um exemplo de empenho e competência. E sobretudo de amizade.

À Paula que me acompanhou de forma tão próxima na realização deste trabalho. E em tudo. Tu sabes. És brilhante.

À minha mãe e ao meu João: vocês são a minha família e a minha base. Foram e serão sempre importantes.

palavras-chave

deteção da mentira, ansiedade social, entrevista de recolha de informação, entrevista acusatória, carga cognitiva, características individuais.

resumo

Na área forense, a discriminação de inocentes e mentirosos é ainda um desafio. Um aspeto importante a considerar, no sentido de prevenir erros, são as características individuais. Neste estudo atentamos ao nível de ansiedade social, uma característica relevante a considerar, uma vez que pessoas com elevada ansiedade social se tornam suscetíveis de serem consideradas menos creíveis, podendo ser interpretadas como estando a mentir, mesmo dizendo a verdade. Pretendíamos ainda comparar os efeitos de dois tipos de entrevista na discriminação destes indivíduos.

Deste modo, na amostra foram incluídas pessoas com diferentes níveis de ansiedade social. Foram entrevistadas a dizer a verdade ou a mentir, com recurso e comparação da entrevista de recolha de informação e da entrevista acusatória. Várias dimensões associadas à mentira (esforço mental, nervosismo, controlo do comportamento, detalhe e plausibilidade do discurso) foram avaliadas por observadores, aos quais foi pedido que discriminassem a veracidade dos discursos.

Os resultados sugerem que os níveis de ansiedade social têm influência na avaliação do esforço mental, nervosismo e detalhe do discurso. Contrariamente ao esperado, os entrevistados inocentes com elevada ansiedade social foram nos dois tipos de entrevista mais corretamente discriminados do que os mentirosos com baixo nível de ansiedade social. As taxas de acerto foram mais favoráveis para os relatos obtidos com a entrevista acusatória, para todos os grupos exceto os entrevistados inocentes com baixa ansiedade social.

Verificou-se que os níveis de ansiedade social podem influenciar a opinião sobre características relacionadas com a deteção da mentira o que em última instância pode afetar a tomada de decisão sobre a inocência dos suspeitos.

keywords

lie detection, social anxiety, information-gathering interview, accusatory interview, cognitive load, individual characteristics.

abstract

In the forensic field the discrimination of innocents and liars still is a challenge. A significant aspect to be considered to prevent errors are the individual characteristics. In this study, we included social anxiety levels, as a strong part of human behaviour and individual characteristic, in order to prevent wrongfully accusations or judgments. Since socially anxious people, despite their truth telling, are often considered less credible, and interpreted as being lying. Also intended to compare the effects of two types of interview in the categorization of these individuals.

Therefore, the sample included people with different levels of social anxiety (high and low). They were interviewed telling the truth or lying, using the information-gathering interview, and accusatory interview methods.

Several lying associated dimensions (mental effort, behaviour control, nervousness, plausibility and speech detail) were evaluated by observers, which were asked to judge the veracity of those statements.

The results suggest that the social anxiety levels have influence in the evaluation of mental effort, nervousness and speech detail.

Innocent interviewees with high social anxiety, contrary to expectations, were, in both interview styles, more accurately categorized than liars with low social anxiety. The accuracy rates were higher to the accusatory interview reports, for all groups except for the truth tellers with low social anxiety.

It was observed the social anxiety levels may influence the opinion of characteristics related to lie detection which can ultimately affect the decision on the innocence of suspects.

Índice

Introdução	1
Método	8
Participantes	8
Entrevistados	8
Observadores	9
Instrumentos	10
Amostra Entrevistados	10
Amostra Observadores	10
Procedimento	11
Procedimento Experimental	11
Procedimento Estatístico	14
Resultados	14
Avaliação das dimensões em estudo	14
Esforço Mental	14
Nervosismo	15
Controlo do comportamento	16
Detalhe	17
Plausibilidade	18
Discriminação direta de mentirosos e inocentes	18
Entrevista de recolha de informação	18
Entrevista acusatória	19
Discussão	19
Referências	27
Anexos	32

Índice de Tabelas

Tabela 1. Caraterização dos entrevistados	9
Tabela 2. Caraterização dos observadores da Entrevista de Recolha de Informação.....	9
Tabela 3. Caracterização dos observadores da Entrevista Acusatória	10

Índice de Figuras

Figura 1. Avaliação do esforço mental na ERI e do nível de detalhe do discurso na EA em função dos níveis de ansiedade social.....	15
Figura 2. Avaliação do nervosismo e do controlo do comportamento em função do tipo de entrevista	15
Figura 3. Avaliação do nervosismo dos entrevistados em função dos níveis de ansiedade social e do tipo de entrevista	16
Figura 4. Avaliação do nervosismo dos entrevistados em função dos níveis de ansiedade social e da condição	16
Figura 5. Avaliação do nível de detalhe do discurso dos entrevistados na condição Verdade	17
Figura 6. Discriminação de inocentes e mentirosos nos vários grupos.....	18

Introdução

Conseguir apurar de forma inequívoca quais os intervenientes mentirosos e quais os intervenientes inocentes permanece ainda um dos grandes desafios na área forense. Trata-se de um contexto no qual a motivação para mentir poderá ser estimulada para evitar condições menos desejadas pelo sujeito, como ficar sujeito a multas, sanções ou reclusão, pelo que se torna ainda mais premente a possibilidade de distinguir claramente entre estes dois tipos de intervenientes. Porém, vários estudos questionam a validade de alguns métodos para apurar a mentira, nomeadamente devido ao tipo de pistas a que atendem (Hart, Fillmore, & Griffith, 2009; Mann, Vrij, & Bull, 2002; Mann & Vrij, 2006; Vrij, Fisher, Mann, & Leal, 2008; Vrij, 2004) e referem a interferência de variáveis individuais que podem facilitar ou dificultar a categorização de inocentes e mentirosos (Vrij, Granhag, & Porter, 2010; Vrij, 2004).

A mentira é um fenómeno que ocorre na comunicação humana e é estudado e discutido em diferentes âmbitos, como a ética e a moral, a ciência e o contexto legal (Ford, 2006). Acontece quando uma pessoa procura intencionalmente enganar outra (Ford, 2006; Serota, Levine, & Boster, 2010). Independentemente da informação ser verdadeira ou falsa, a intenção do mentiroso é transmitir informação que acredita ser falsa por forma a convencer o recetor de que a sua mensagem é verdadeira (Ford, 2006).

Identificar os mentirosos é uma preocupação muito antiga e ao longo da história vários métodos foram utilizados na tentativa de o fazer. Alguns dos métodos utilizados na época medieval remetiam para a associação da mentira com alterações fisiológicas, nomeadamente alterações derivadas de emoções que um mentiroso poderá sentir, como medo ou ansiedade (cf. Ford, 2006). No século XIX, Cesare Lombrose, deu início à utilização do polígrafo baseando-se também na ideia de que ansiedade seria indicador de mentira (Lykken, 1981 cit. Ford, 2006). Ao longo do tempo foram desenvolvidas várias técnicas de utilização do polígrafo e surgiram outros métodos considerados promissores, como por exemplo, a identificação de estruturas do cérebro associadas à mentira e o *Brain Fingerprinting*. Várias vantagens e desvantagens têm sido atribuídas a estes e outros métodos (para uma revisão ver Ford, 2006), sendo que a observação continua a ser a forma mais comum de deteção da mentira, permitindo fazê-lo quando não é possível o recurso a equipamentos sofisticados como tecnologias para medir pistas fisiológicas ou neurológicas (Vrij et al., 2010). Paul Ekman trabalhou neste sentido, descrevendo maneiras de observar atividade facial e de perceber se a pessoa está a ser genuína. Identificou microexpressões (*microexpressions*) e expressões reprimidas (*suppressed expressions*) (Ekman & Friesen, 1978 cit. Ford, 2006), consideradas formas genuínas de expressão emocional, tendo sido formulada a premissa de que se a pessoa tenta esconder as suas verdadeiras emoções poderá estar a mentir (Ekman, 1985 cit. Ford, 2006).

Muitos métodos de deteção de mentira seguem efetivamente protocolos que tomam em consideração as emoções, pressupondo que, por temerem ser desmascarados, os mentirosos estarão mais ativados quando interrogados. Contudo, não é garantido que os mentirosos se mostrem mais nervosos e preocupados (Vrij et al., 2008). Em contrapartida é possível que inocentes manifestem sinais de preocupação e de nervosismo quando entrevistados (Vrij et al., 2008), pois mesmo não estando a mentir as pessoas podem sentir a mesma gama de emoções, por exemplo por temerem que não acreditem nelas (Vrij et al., 2010).

Na verdade, a investigação na área da mentira tem revelado que a presença de comportamentos associadas ao nervosismo, como a inquietação, evitar o contacto ocular, aumento da frequência do pestanejo, aumento de movimentos e aumento de perturbações no discurso não parecem estar relacionados de forma consistente com o ato de mentir (Mann et al., 2002; Vrij, 2004), sendo consideradas erradamente pistas de mentira e originando o estereótipo do mentiroso (Hart et al., 2009). De acordo, num estudo de Mann e Vrij (2006), polícias observaram vídeos de suspeitos, desconhecendo quais os mentirosos e os inocentes, e avaliaram os mentirosos como menos nervosos. Assim, as pistas emocionais e de nervosismo não serão suficientes para distinguir mentirosos de honestos.

Vrij, Fisher, Mann e Leal (2006) propõem o enveredar por uma abordagem distinta: a abordagem da deteção da mentira com base em pistas de carga cognitiva. Nesta abordagem pressupõem-se que mentir é cognitivamente mais exigente do que dizer a verdade e que prestar atenção a pistas de carga cognitiva poderá facilitar a deteção da mentira. De uma forma simples, carga cognitiva diz respeito ao esforço mental necessário para responder às exigências de uma tarefa num determinado período de tempo e pode ser afetada por vários fatores, desde o tipo de tarefa a características individuais (Paas, Tuovinen, Tabbers, & Gerven, 2010; Xie & Salvendy, 2000). Ressalte-se que na abordagem da carga cognitiva para a deteção da mentira o termo “carga cognitiva” significa “esforço mental”, não sendo realizada distinção.

Podem apontar-se vários motivos para explicar porque é que mentir é cognitivamente mais exigente do que dizer a verdade. Por exemplo, é necessário formular uma história plausível e monitorizar o que é dito para que a informação se mantenha consistente. Durante o seu relato, os mentirosos mantêm-se preocupados em controlar o seu comportamento para parecerem honestos (Burgoon, 1994; Vrij, Granhag, et al., 2010; Vrij, Mann, Leal, & Granhag, 2010; Vrij et al., 2008). Ao mesmo tempo, torna-se necessário prestar atenção ao comportamento do entrevistador para realizar ajustes conforme o *feedback* recebido (Burgoon, 1994). Os mentirosos têm a preocupação adicional de se recordar que estão a encenar (Vrij et al., 2008), deliberando a interação em vez de a viver naturalmente (DePaulo et al., 2003). O facto de a verdade ter que ser suprimida das respostas é também cognitivamente exigente (Vrij et al., 2010; Spence et al., 2001 cit. Vrij et al., 2008). E

enquanto a ativação de informação verdadeira acontece de forma mais automática, a ativação de uma mentira é intencional e deliberada, exigindo maior esforço (Vrij et al., 2008; Walczyk et al., 2005).

Em concordância com a abordagem da carga cognitiva, há investigações com resultados que evidenciam a ativação de regiões do cérebro responsáveis por funções executivas durante a mentira, que não se verificaram quando os participantes respondem de forma verdadeira (e.g. Spence et al., 2004). Em vários estudos também se tem verificado que os participantes relatam maior esforço mental enquanto mentem, maior tensão e maior tentativa de controlo sobre o próprio comportamento (Vrij, Mann, & Fisher, 2006; Vrij, Semin, & Bull, 1996). Acrescenta-se que o esforço mental e o controlo do comportamento decorrente parecem passíveis de ser avaliados e identificados, por observadores, como exacerbados nos mentirosos em comparação com inocentes (Mann & Vrij, 2006).

Encontram-se estudadas várias pistas de carga cognitiva que se podem relacionar com ato de mentir, no âmbito do comportamento verbal e não-verbal. No âmbito do comportamento não-verbal verifica-se, por exemplo, redução da linguagem corporal (Ekman & Friesen, 1972) e diminuição do pestanejo (Mann et al., 2002; Wallbott & Scherer, 1991). Relativamente ao comportamento verbal foram apuradas pista ao nível da forma (tom de voz, pausas, interrupções, hesitações, período de latência anterior à resposta, tamanho da resposta) e do conteúdo do discurso (descrição de sentimentos, quantidade de detalhe, ocorrência de inconsistências lógicas e de correções espontâneas) (DePaulo et al., 2003; Vrij, Edward, & Bull, 2001; Vrij, Edward, Roberts, & Bull, 2000; Vrij, 1995).

Algumas destas pistas são efetivamente úteis para auxiliar a deteção de mentira, podendo variar em consequência da veracidade do discurso; contudo outras podem variar por motivos não relacionados (Hart et al., 2009), por exemplo, por serem devidas a características individuais. Posto isto, torna-se pertinente solicitar aos observadores não para distinguirem mentirosos de inocentes, e sim para focarem a atenção em dimensões relevantes para a deteção da mentira (Hart et al., 2009). Alguns estudos têm encontrado evidências de que as pessoas são mais precisas na discriminação de mentira e verdade através deste método. Por exemplo, num estudo de Vrij, Edward e Bull (2001) os observadores categorizaram com mais sucesso mentirosos e inocentes através das classificações atribuídas ao esforço mental do que através da resposta às questões explícitas sobre mentira. Noutro estudo, os participantes classificaram mais corretamente mentirosos e inocentes através da avaliação do nível de conforto durante a interação do que quando lhes foi pedido de forma direta que os identificassem (Anderson, DePaulo, & Ansfield, 2002).

Para a recolha deste tipo de informação, que possibilita a sua observação e análise dos suspeitos e o apurar dos factos, podem ser utilizadas várias abordagens. Duas abordagens comuns

são a Entrevista de Recolha de Informação (ERI), na qual são realizadas perguntas abertas, e a Entrevista Acusatória (EA), onde os suspeitos são confrontados com acusações (Vrij et al., 2010; Vrij & Granhag, 2012). São estilos bastante distintos, logo suscetíveis de produzir resultados diferentes. Enquanto nos interrogatórios de recolha de informação a pessoa é encorajada a falar pela utilização de perguntas abertas, nos interrogatórios do estilo acusatório muitas vezes a pessoa tende a empenhar-se em negar o facto de estar a mentir, (Vrij et al., 2010). É ainda considerado que a EA leva os entrevistados a serem menos cooperativos e que tem efeitos semelhantes nos inocentes e mentirosos, provocando em ambos o receio de que não acreditem em si (Vrij, Granhag, et al., 2010). Deste modo, pode tornar-se pouco eficaz, na medida em que não estimula diferenças que facilitem a discriminação. A ERI é considerada vantajosa por vários motivos, nomeadamente por ser mais provável a obtenção de maior quantidade de detalhes, o que poderá permitir a deteção de inconsistências e contradições entre as respostas obtidas e os factos (Vrij et al., 2010) ou por se tratar de um método que não envolve acusação nem outras formas de provocar desconforto nos entrevistados, podendo por isso prevenir a obtenção de falsas confissões (Gudjonsson & Pearse, 2011).

Vrij, Mann e Fisher (2006) estudaram as perceções de participantes que mentiram ou disseram a verdade perante estes tipos de entrevistas, obtendo resultados que ajudam a perceber os efeitos que estas entrevistas podem ter. Tanto mentirosos como inocentes sentiram maior desconforto durante a entrevista acusatória, sentiram-se mais ouvidos durante a ERI, e consideraram a ERI mais exigente cognitivamente. Os mentirosos foram os que se sentiram mais ansiosos e que consideraram ambas as entrevistas mais exigentes cognitivamente. Os autores verificaram ainda que os participantes que se consideraram mais tímidos sentiram maior nervosismo nas entrevistas de estilo acusatório e enquanto mentiram, e maior carga cognitiva na ERI e na condição de mentira.

Embora mentir, conforme referido, seja cognitivamente exigente, algumas pessoas conseguem ser muito competentes a fazê-lo. Há evidências de que determinadas características individuais podem ter influência na habilidade para mentir de forma bem-sucedida (Kashy & DePaulo, 1996 cit. Ford, 2006). Vrij, Granhag e Porter (2010) consideram que os melhores mentirosos são indivíduos cujo comportamento desacredita suspeitas; para quem mentir não é cognitivamente exigente; que enquanto mentem não sentem medo, culpa ou prazer; que são bons atores, aparentando uma postura honesta; que são atraentes, levando à inferência de virtude e honestidade; e que têm uma boa noção dos processos de pensamento que o outro poderá ter.

Isto remete para a importância de se atentar nas diferenças individuais ao tentar distinguir inocentes de mentirosos, no sentido de prevenir interpretações erróneas. No julgamento que fazemos dos outros existe tendência para a sobrestimação de fatores disposicionais em detrimento

de fatores causais (*The Fundamental Attribution Error*; Ross & Nisbett, 1991 cit. O'Sullivan, 2003), o que em termos de detecção da mentira pode resultar na incapacidade de reconhecer quando uma pessoa de aparência credível está mentir ou quando uma pessoa de aspeto menos credível está a dizer a verdade (O'Sullivan, 2003). O'Sullivan (2003) verificou este efeito no seu estudo, uma vez que após a atribuição de características positivas a uma pessoa os observadores tenderam a julgá-la inocente, independentemente de ser inocente ou mentirosa, levando o autor a concluir pela existência de uma tendência para julgar as pessoas em função das suas características em vez de estados circunstancialmente relevantes. De acordo, Vrij (2004) explica não considerar estas diferenças pode prejudicar a detecção da mentira, uma vez que algumas pessoas, devido ao seu comportamento, aparentam naturalmente maior honestidade ou desonestidade do que outras. Podem verificar-se estes efeitos em alguns traços personalidade; por exemplo, pessoas expressivas transmitem maior credibilidade, enquanto pessoas auto conscienciosas em público tendem a criar uma impressão menos credível, independentemente de estarem a dizer a verdade, o que poderá originar enganos na detecção de mentira. Sabe-se também que pessoas socialmente ansiosas provocam nos outros uma impressão de menor credibilidade, pois a impressão de tensão, nervosismo e medo que pode ser emitido naturalmente por indivíduos socialmente ansiosos tende a ser interpretado como indicador de mentira (Vrij, 2004). Este fenómeno de interpretação de pistas de nervosismo como pistas de mentira afigura-se um erro comum na detecção da mentira conhecido como Erro de Otelo (Vrij, Granhag, et al., 2010).

A ansiedade social é uma experiência comum nas relações interpessoais, que se prende com o temer ser julgado e avaliado de forma negativa, por parte dos outros (Baldwin & Main, 2001). Contudo, em alguns casos pode evoluir para uma experiência intensa, extremada e patológica (Hirsch & Clark, 2004). A Perturbação da Ansiedade Social ou Fobia Social caracteriza-se por “medo acentuado e persistente de uma ou mais situações sociais e de desempenho nas quais o sujeito está exposto a pessoas desconhecidas ou à possível observação de outras”, sendo que “a exposição à situação social temida provoca quase sempre ansiedade” (American Psychological Association, 2002, p. 456). O medo resulta do temor em comportar-se de uma maneira que possa ser avaliada de forma negativa pelos outros. Os sintomas de ansiedade podem incluir sintomas não-verbais, como palpitações, tremores, suores, tensão muscular e rubor; e verbais, como a voz trémula. Podem também manifestar-se em défices nas aptidões sociais, como a incapacidade de olhar nos olhos (A.P.A., 2002). Assim, como consequência do medo da avaliação negativa por parte dos outros, a ativação cognitiva, emocional e fisiológica parece ser moldada.

O papel da cognição no desenvolvimento e manutenção desta perturbação tem sido estudado, existindo modelos teóricos como o de Clark & Wells (1995) que focam o papel primário das cognições na etiologia e manutenção da ansiedade social. Segundo este modelo, as pessoas com

Fobia Social, durante os eventos sociais dirigem a atenção para si próprios, acabando deste modo por utilizar informação interna, como sentimentos de ansiedade e imagens espontâneas enviesadas, para fazerem as suas interpretações sobre o evento social, resultando em inferências erradas sobre a forma como parecem para os outros (Clark & McManus, 2002), pois acabam por desconsiderar a estimulação externa (Wild, Hackmann, & Clark, 2007). Ou seja, durante os eventos sociais a atenção tende a ser auto focada, sendo dirigida para a ativação fisiológica, comportamento, emoções ou aparência do próprio (Clark & Wells, 1995 cit. Gaydukevych & Kocovski, 2012). Estes processos cognitivos de auto monitorização, nomeadamente de memorização e revisão cuidadosa do próprio discurso, têm como objetivo a própria proteção e o prevenir receber uma avaliação negativa por parte dos outros. Ainda assim, estes processos cognitivos podem ser contraproducentes e acabar por confirmar e provar a avaliação negativa (Clark, 2001); o foco em si próprio e no próprio discurso pode aparentar ao outro desinteresse ou desagrado, desencadeando dessa forma uma resposta mais hostil que acaba por contribuir para a confirmação dos receios iniciais (Clark & McManus, 2002).

Especificamente durante as situações de desempenho e interação social, os indivíduos com Fobia Social referem mais pensamento auto avaliativos negativos do que indivíduos sem a perturbação (Beazley, Glass, Chambless, & Arnkoff, 2001), reportam vivenciar imagens espontâneas de si próprios tendo mau desempenho ou exibindo sintomas de ansiedade (Hirsch & Clark, 2004) e perante estas imagens podem haver sensações corporais e ativação de várias modalidades sensoriais, assim como detalhes da memória autobiográfica (Hackmann, Clark, & McManus, 2000; Wild et al., 2007).

Atentando na sintomatologia e funcionamento característico da Fobia Social e considerada a informação exposta sobre a deteção da mentira pode perceber-se que a deteção da mentira em indivíduos com elevada ansiedade social se torna complexa. Somam-se motivos que podem levar a que uma pessoa inocente com elevada ansiedade social seja erradamente avaliada como estando a mentir. Devido à emissão de pistas de nervosismo e aos défices nas aptidões sociais, estas pessoas tendem a ser consideradas menos credíveis e a exibir sinais que podem ser interpretados como pistas de mentira. Mesmo desconsideradas as pistas relacionadas com as emoções e o nervosismo, os ansiosos sociais estarão possivelmente sujeitos, tal como os mentirosos, a uma maior carga cognitiva quando comparados com indivíduos com baixos níveis de ansiedade, advinda da preocupação intensa com o desempenho e resultante em vários processos cognitivos, que acontecem no sentido de monitorizar e de tentar controlar o próprio comportamento, aspeto também útil ao ato de mentir, mas neste caso com o objetivo de passar uma impressão positiva.

Posto isto, no presente trabalho serão avaliadas dimensões associadas à mentira e reveladoras de esforço mental em sujeitos que estejam a dizer a verdade (inocentes) ou a mentir, e

que reportem níveis baixos ou elevados de ansiedade social, com recurso e comparação da entrevista de recolha de informação (ERI) e da entrevista acusatória (EA).

Sabe-se que o ato de mentir exige maior esforço mental do que dizer a verdade (Vrij, Granhag, et al., 2010; Vrij et al., 2008, 1996; Vrij, Mann, et al., 2006; Walczyk et al., 2005). Contudo, considerando que as pessoas socialmente ansiosas, devido à sintomatologia associada, vivenciam maior esforço mental durante as interações sociais, torna-se expectável que inocentes com elevada ansiedade social sejam avaliados com tanto ou maior esforço mental que os mentirosos com baixa ansiedade social, particularmente na ERI por se encontrar associada a maior exigência cognitiva (Vrij, Mann, et al., 2006).

A literatura sugere também que os entrevistados mentirosos são considerados os mais nervosos e os que mais controlam o seu comportamento, sobretudo aqueles com elevada ansiedade social e durante a EA (Vrij, Mann, et al., 2010; Vrij, Mann, et al., 2006; Vrij et al., 1996). Assim é possível, que mesmo sem estar a mentir, devido às suas características, pessoas socialmente ansiosas sejam avaliadas com tanto ou mais nervosismo e controlo do comportamento que os indivíduos mentirosos com baixa ansiedade social, principalmente durante a EA. Sabe-se que a EA, comparativamente à ERI, incentiva menos o relato (Vrij et al., 2010), que uma história falsa será à partida menos detalhada (DePaulo et al., 2003; Vrij, Mann, et al., 2010), e que a dinâmica acusatória desta entrevista poderá ser considerada pelos ansiosos sociais uma situação particularmente ameaçadora (Vrij, Mann, et al., 2006), podendo contribuir para um fraco desempenho. Assim, espera-se que inocentes com elevada ansiedade social sejam avaliados como apresentado um nível de detalhe igual ou inferior aos mentirosos com baixa ansiedade social, nesta entrevista. Quanto à plausibilidade, é expectável que os discursos dos mentirosos sejam considerados menos plausíveis; contudo sabe-se também que os indivíduos com elevada ansiedade social tendem a ser considerados menos credíveis (Vrij, 2004). Assim, é possível que os indivíduos inocentes com elevada ansiedade social tenham os seus discursos considerados tão ou menos plausíveis que os mentirosos com baixa ansiedade social, sobretudo durante a EA.

Relativamente aos acertos na discriminação de inocentes e mentirosos, é expectável que os inocentes com baixa ansiedade social sejam os mais frequentemente avaliados corretamente, sobretudo na ERI, uma vez que mensagens verdadeiras são mais frequentemente julgadas corretamente (Bond & DePaulo, 2006) e que este tipo de entrevista estimula um relato mais completo (Vrij et al., 2010). Contudo, pela revisão efetuada coloca-se como hipótese que inocentes com elevada ansiedade social sejam confundidos com mentirosos, sobretudo durante a EA, na qual é possível que sejam despoletados mais sintomas de ansiedade e nervosismo, passíveis de serem considerados pistas de mentira, por se tratar de uma situação de cariz mais ameaçador. No caso dos indivíduos mentirosos com ansiedade social elevada é expectável que a taxa de acerto seja maior

do que para os mentirosos com baixa ansiedade social, sobretudo na EA, pois neste caso em particular teremos mentirosos, que provavelmente exibirão muitas pistas de nervosismo que os observadores tenderão a interpretar como de mentira, à luz do estereótipo do mentiroso.

Método

Este estudo comporta duas fases. Na primeira foram recrutados participantes para constituir os grupos de *Mentirosos* e *Inocentes* com diferentes níveis de ansiedade social, que foram convidados a realizar uma tarefa no Departamento de Educação da Universidade de Aveiro, consistindo em duas entrevistas, sendo uma ERI e uma EA. Numa segunda fase, um grupo de observadores visualizou os vídeos das entrevistas e foi convidado a avaliar o desempenho dos entrevistados e a discriminar mentirosos e inocentes.

Participantes

Entrevistados

Foram avaliados 251 participantes, tendo sido posteriormente selecionados 79 participantes, estudantes universitários da Universidade de Aveiro, 81% do sexo feminino ($n = 64$) e 19% do sexo masculino ($n = 15$), com idades compreendidas entre os 18 e os 47 anos ($M = 24.68$; $DP = 6.22$). Os participantes encontravam-se com diferentes graus académicos concluídos: Ensino Secundário ($n = 25$), Licenciatura ($n = 32$), Mestrado ($n = 18$), Doutoramento ($n = 4$).

Estes participantes foram alocados a dois grupos em função da pontuação obtida na escala de ansiedade/ desconforto social. O grupo com baixo nível de ansiedade social foi composto por participantes com pontuações ≤ 96 ($M = 78.61$ e $DP = 10.32$); o grupo com elevado nível de ansiedade social foi composto por participantes com pontuações ≥ 102 ($M = 124.54$ e $DP = 14.89$). Posteriormente, foram alocados às condições *Mentira* vs. *Verdade*, constituindo os 4 grupos participantes na primeira fase deste estudo: participantes com baixa ansiedade social inocentes (Grupo 1; $n = 21$), participantes com elevada ansiedade social inocentes (Grupo 2; $n = 21$), participantes com baixa ansiedade social mentirosos (Grupo 3; $n = 17$) e participantes com elevada ansiedade social mentirosos (Grupo 4; $n = 20$). A caracterização específica de cada grupo é descrita na Tabela 1.

Verificam-se diferenças estatisticamente significativas na distribuição de homens e mulheres nos vários grupos ($\chi^2(3) = 12.522$; $p = .006$). Nos grupos 2 e 4 estão presentes menos homens e mais mulheres do que esperado; o inverso acontece no grupo 3. Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas na idade dos entrevistados dos vários grupos [$F(3, 75) = 1.389$; $p = .253$].

Tabela 1. Caracterização dos entrevistados

	Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Grupo 4	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Idade	25,19	5,7	25,71	7,23	22,00	2,77	25,35	7,45
EAESDIS	78,14	10,79	126,43	14,02	79,18	10,01	122,55	15,86
	n	%	n	%	n	%	N	%
Sexo								
Feminino	17	81	20	95	9	53	18	90
Masculino	4	19	1	5	8	47	2	10

Nota: EAESDIS= Escala de Ansiedade e Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social; Grupo 1= inocentes com baixo nível de ansiedade social; Grupo 2= inocentes com elevado nível de ansiedade social; Grupo 3= mentirosos com baixo nível de ansiedade social; Grupo 4= mentirosos com elevado nível de ansiedade social

As diferenças nos níveis de ansiedade social são estatisticamente significativas entre os grupos em análise [$F_{(3, 78)} = 82.543$; $p < .001$]. Recorrendo a testes post-hoc, verificámos que as diferenças se situam entre os grupos com baixa (Grupos 1 e 3) e os grupos com elevada (Grupos 2 e 4) ansiedade social. Mais especificamente, existem diferenças ao nível da ansiedade social entre os inocentes com baixa ansiedade social (Grupo 1), os inocentes com elevada ansiedade social (Grupo 2; $p < .001$) e os mentirosos com elevada ansiedade social (Grupo 4; $p < .001$). Verificam-se também diferenças entre os mentirosos com baixa ansiedade social (Grupo 3) e os referidos grupos com elevada ansiedade social (Grupo 2: $p < .001$; Grupo 4 $p < .001$). Entre os grupos com baixa ansiedade social (Grupos 1 e 3) não existem diferenças estatisticamente significativas relativamente aos níveis de ansiedade social ($p = 1$). O mesmo acontece para os grupos com elevada ansiedade social (Grupos 2 e 4; $p = 1$).

Observadores

Para a segunda fase do estudo foi constituído, de forma aleatória, um grupo de 158 observadores, 54% do sexo feminino ($n = 85$) e 46% do sexo masculino ($n = 73$), com idades compreendidas entre os 18 e os 48 anos ($M = 24.20$; $DP = 4.55$), estudantes da Universidade de Aveiro, com diferentes graus académicos concluídos: Ensino Secundário ($n = 56$); Licenciatura ($n = 76$) e Mestrado ($n = 25$). Destes participantes, 79 visualizaram os relatos dos entrevistados com uma EA (Tabela 2) e 79 visualizaram os relatos dos entrevistados com uma ERI (Tabela 3).

Tabela 2. Caracterização dos observadores da Entrevista de Recolha de Informação

	Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Grupo 4	
	M	DP	M	DP	M	DP	M	DP
Idade	22.95	2.78	23.90	4.63	25.18	3.87	25.65	4.74
	n	%	n	%	n	%	n	%
Sexo								
Feminino	11	52%	10	48%	11	65%	12	60%
Masculino	10	48%	11	52%	6	35%	8	40%

Grupo 1= inocentes com baixo nível de ansiedade social; Grupo 2= inocentes com elevado nível de ansiedade social; Grupos 3= mentirosos com baixo nível de ansiedade social; Grupo 4 = mentirosos com elevado nível de ansiedade social

Tabela 3. Caracterização dos observadores da Entrevista Acusatória

	Grupo 1		Grupo 2		Grupo 3		Grupo 4	
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade	22.86	4.17	22.10	4.14	25.76	4.39	25.55	6.13
	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%	<i>n</i>	%
Sexo								
Feminino	11	52	11	48	7	41	12	60
Masculino	10	48	10	52	10	59	8	40

Grupo 1= inocentes com baixo nível de ansiedade social; Grupo 2= inocentes com elevado nível de ansiedade social; Grupos 3= mentirosos com baixo nível de ansiedade social; Grupo 4 = mentirosos com elevado nível de ansiedade social

Instrumentos

Amostra Entrevistados

Escala de Ansiedade e Evitamento em Situações de Interação Social

Para seleção da amostra e divisão dos participantes em grupos com diferentes níveis de ansiedade social utilizou-se a Escala de Ansiedade e Evitamento em Situações de Desempenho e Interação Social (EAESDIS; Pinto-Gouveia, Cunha, & Salvador, 2003), tendo sido solicitada resposta apenas à subescala relativa ao desconforto/ansiedade. Esta subescala permite avaliar o nível de ansiedade perante várias situações sociais, consideradas representativas do tipo de situações temidas usualmente pelos indivíduos com Perturbação da Ansiedade Social (Pinto-Gouveia et al., 2003). As situações sociais são descritas numa lista de 44 itens sobre os quais devem ser pontuados em escala de Likert o nível de desconforto/ansiedade (de 1= nenhum, até 4= severo). Esta subescala apresenta elevada consistência interna ($\alpha = .95$) e fiabilidade teste re-teste ($r = .86$) (Pinto-Gouveia et al., 2003).

Amostra Observadores

Heteroavaliação de desempenho

Para que os observadores avaliassem o desempenho dos entrevistados foi constituído um questionário com 12 itens (Anexo A), que incluiu questões sobre cinco dimensões relevantes a este estudo: esforço mental (carga cognitiva), nervosismo, controlo do comportamento, detalhe e plausibilidade do relato.

Para a avaliação da dimensão esforço mental foram incluídas três questões, por exemplo, *em que medida é que o(a) entrevistado(a) aparenta estar a esforçar-se mentalmente para conseguir responder à entrevista*, com uma escala de resposta variando entre 0 (nenhum esforço) e 100 (Muito esforço). Para a dimensão nervosismo também foram incluídas três questões, nomeadamente, *quão nervoso(a) aparentar estar o entrevistado(a)* avaliada desde 0 (nada nervoso) a 100 (muito nervoso). Para a dimensão controlo do comportamento foram igualmente incluídas

três questões sendo uma delas *em que medida o(a) entrevistado(a) tentou controlar o seu próprio comportamento*), cotada desde 0 (não tentou controlar o comportamento) a 100 (esforçou-se muito por controlar o comportamento). Para averiguar a opinião sobre o detalhe do relato foi realizada apenas uma pergunta, assim como para averiguar a opinião sobre a plausibilidade. Este questionário foi pontuado através de escalas visuais analógicas, de 0 a 100, sendo estas as únicas âncoras apresentadas. Normalmente são utilizados questionários com escalas de diferencial semântico nas quais o participante assinala o nível de carga cognitiva percebido. Trata-se de escalas consideradas sensíveis, válidas e bem aceites pelos respondentes (Ayres, 2006; Paas & Merrienboer, 1994; Paas et al., 2010). A última questão remetia para a decisão sobre a veracidade do discurso dos entrevistados, primeiro solicitando uma resposta dicotómica.

Procedimento

Procedimento Experimental

Entrevistados

Seleção

Com recurso ao *Qualtrics Survey Software* (versão 2014.20; Qualtrics, Provo, UT) os participantes começaram por ser informados dos objetivos gerais do estudo e da possibilidade de serem selecionados para participarem numa tarefa no Departamento de Educação da Universidade de Aveiro. Foram informados das condições de participação (garantia de confidencialidade) e foi solicitado o consentimento informado. Nesta plataforma, responderam ao questionário sociodemográfico e à EAESDIS (Pinto-Gouveia et al., 2003). Foram definidos campos de resposta obrigatória para evitar que itens não respondidos comprometessem os resultados. Todas as instruções necessárias para a resposta aos questionários estavam descritas. No final, foi solicitado às pessoas interessadas que deixassem o seu contacto para ser feito o agendamento da tarefa, caso fossem selecionadas.

Foi dada prioridade ao contacto com as pessoas que apresentavam as pontuações mais elevadas e mais baixas na escala de Ansiedade/Desconforto da EAESDIS (Pinto-Gouveia et al., 2003). Deste processo de seleção por conveniência resultaram dois grupos, sendo que o grupo com baixa ansiedade social foi constituído por participantes com pontuação na EAESDIS inferiores ao percentil 50 (pontuações ≤ 96) e o grupo com elevada ansiedade social foi constituído por sujeitos com pontuação superior ao percentil 60 (pontuações ≥ 102). A partir destes grupos, foram selecionados, de forma aleatória, os elementos a participar nas condições Mentira ou Verdade.

Apesar de se tratar de uma seleção de participantes por conveniência sabe-se que algumas características típicas das pessoas com Fobia Social têm sido encontradas em estudos com desenhos experimentais análogos, isto é, com participantes com níveis de ansiedade social

normativos. Embora seja necessária posterior confirmação em estudos com população clínica, com esta opção existe maior disponibilidade de participantes, uma vez que indivíduos com Fobia Social muitas vezes não procuram tratamento, tornando difícil recrutar participantes com esta perturbação (Stopa & Clark, 2000).

Tarefa

Os participantes foram recebidos por uma experimentadora no Departamento de Educação e conduzidos até à porta de um gabinete.

Na condição *Verdade* a porta do gabinete encontrava-se destrancada e a experimentadora entregou aos participantes uma lista com as instruções necessárias para preparar o gabinete (Anexo B) para receber um novo professor no departamento, deixando-os sozinhos, durante 5 minutos para que executassem a tarefa. Foi-lhes pedido que quando terminassem a tarefa esperassem que a experimentadora regressasse. Após os 5 minutos a experimentadora regressou e conduziu os participantes à sala de entrevistas.

Na condição *Mentira*, após conduzir os participantes à porta do gabinete a entrevistadora entregava-lhes um envelope que pedia que lessem e ausentava-se. O envelope continha a seguinte mensagem: “Se a porta do gabinete se encontrar fechada deverá aguardar que a experimentadora regresse”. Efetivamente nesta condição a porta estava trancada e os participantes eram deixados à espera durante 3 minutos. Passado esse tempo, a experimentadora regressava e entregava aos participantes a lista com as instruções necessárias para preparar o gabinete para receber o novo professor, mas desta vez explicando aos participantes que a sua tarefa seria entrar no gabinete, ler as instruções e imaginar que preparavam o gabinete. Estes participantes permaneceram no gabinete durante 2 minutos e foram seguidamente conduzidos à sala de entrevistas.

Em ambas as condições, quando os participantes chegaram à sala de entrevistas foram informados de que seriam entrevistados, duas vezes e por duas entrevistadoras, para se determinar se tinham preparado ou não o gabinete para receber o novo professor. Foi-lhe ainda explicado que as entrevistadoras não sabiam se efetivamente o gabinete tinha sido preparado e que deveriam tentar convencê-las de que, de facto, tinham realizado a tarefa.

Para motivar estes participantes a esforçarem-se durante as entrevistas foi ainda anunciada a possibilidade de participarem num sorteio para ganhar um prémio monetário no caso de o seu discurso ser considerado credível. Além disso, foi-lhes explicado que durante as entrevistas estariam a ser avaliados por um grupo de observadores que iria assistir em tempo real, através da câmara de um computador, e que decidiria se o entrevistado estava a mentir ou a dizer a verdade. Na realidade estes observadores não existiram, mas desta forma foi salientada a avaliação do desempenho, fator que pode contribuir para um cenário mais suscetível de despoletar ansiedade

social, e que de acordo com DePaulo et al. (2003) torna os indivíduos mais suscetíveis de aumentarem a atenção auto focada, estimula a ruminação e diminui a autoconfiança.

Na ERI foi solicitado aos participantes que descrevessem com o máximo de detalhe possível o que fizeram para preparar o gabinete para receber o novo professor. Na EA os participantes foram acusados de não terem preparado o gabinete e foi-lhes pedido que explicassem o que estiveram realmente a fazer. As questões das entrevistas foram realizadas de forma padronizada e não existiram perguntas de seguimento.

Até ao momento das entrevistas os participantes ainda não haviam tido qualquer contacto com as duas entrevistadoras. A presença de duas entrevistadoras permitiu que a ordem das entrevistas pudesse ser contrabalançada. Ambas as entrevistadoras realizaram os dois tipos de entrevistas e foram cegas relativamente aos grupos de pertença dos participantes. Durante a entrevista houve ainda o cuidado, por parte das entrevistadoras de tentar manter uma postura neutra de forma a não influenciar o discurso ou o comportamento dos participantes. As entrevistas foram filmadas a 1,5 metros de distância, de forma a aparecerem apenas os participantes nos vídeos, tendo sido enquadrados de frente e da cintura para cima. Por fim, foram explicados os objetivos do estudo.

Observadores

Seleção

Os observadores foram alunos da Universidade de Aveiro, selecionados de forma aleatória.

Tarefa

Os observadores começaram por ser informados de que a sua tarefa seria ver um vídeo e avaliar o desempenho da pessoa presente nesse vídeo. Após ter sido recebido consentimento oral, foi ainda explicado que iriam observar o relato de alguém que afirmava ter organizado um gabinete para receber um novo professor na UA, mencionando-se que apenas se sabia que a pessoa tinha estado no local mas que não se sabia se tinha efetivamente preparado o gabinete para acolher o professor.

Os observadores tiveram a possibilidade de ver o Questionário de Heteroavaliação do Desempenho antes da visualização do relato dos entrevistados, com exceção das questões relativas à deteção da mentira. Esta opção foi tomada no sentido de orientar a atenção dos observadores para a avaliação das dimensões relevantes para o estudo, porém sem os alertar para a deteção da mentira. É possível que, por ignorarem que a deteção da mentira seja um objetivo em estudo, se previna que os observadores dirijam a atenção para pistas comportamentais irrelevantes e baseadas no estereótipo do mentiroso (Hart et al., 2009).

Foi dada indicação aos observadores de que apenas poderiam fazer uma visualização completa do vídeo. Os vídeos foram previamente editados com recurso ao *Windows Movie Maker*, tendo-se omitido os momentos em que as entrevistadoras colocaram as questões aos participantes; os observadores ficaram assim limitados ao relato dos participantes, não sendo visível qual o tipo de entrevista ou de atitude por parte da entrevistadora. Desta forma pretendeu-se que a avaliação do grupo de observadores fosse influenciada apenas pelo desempenho do entrevistado.

O Questionário de Heteroavaliação foi também apresentado com recurso ao *Qualtrics Survey Software* (versão 2014.20; Qualtrics, Provo, UT).

No final, foram explicados os objetivos do estudo e os participantes assinaram o formulário de consentimento informado.

Procedimento Estatístico

Todos os resultados foram analisados com recurso ao programa estatístico SPSS (IBM SPSS Statistics 22). Para analisar os resultados relativos à avaliação dos observadores sobre as várias dimensões em estudo foram conduzidas ANOVAS mistas, tendo como fatores entre sujeitos a condição (verdade e mentira) e o nível de ansiedade social (alto e baixo), e como fator intra sujeitos o tipo de entrevista (ERI e EA). Como variáveis dependentes intra sujeito foram consideradas as avaliações subjetivas sobre as várias dimensões em estudo (esforço mental, nervosismo, controlo do comportamento, detalhe e plausibilidade). Para verificar se existiram diferenças nas taxas de acerto em função dos grupos de entrevistados nos dois tipos de entrevistas foram realizadas análises de Qui-quadrado, uma vez que se tratavam de dados categóricos (acerto/erro). O nível de significância estatística considerado foi $p < .05$.

Resultados

Avaliação das dimensões em estudo

Esforço Mental

Após a realização da ANOVA mista, verificou-se que apenas houve efeito significativo do nível de ansiedade social dos entrevistados na avaliação do esforço mental ($F= 5$; $p=.028$; $\eta^2=.062$). A análise post-hoc com o teste Bonferroni indicou a ocorrência de diferenças estatisticamente significativas na avaliação do esforço mental dos entrevistados com diferentes níveis de ansiedade social durante os relatos na ERI ($p=.044$), tendo os entrevistados com elevado nível de ansiedade social sido avaliados com maior esforço mental do que os entrevistados com baixo nível de ansiedade social (Figura 1).

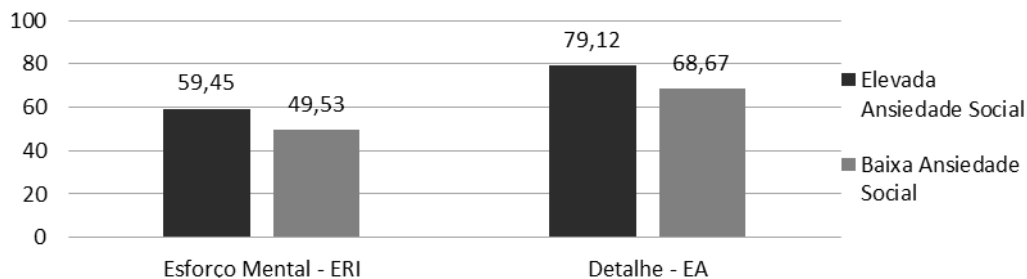


Figura 1. Avaliação do esforço mental na ERI e do nível de detalhe do discurso na EA em função dos níveis de ansiedade social

Não se verificaram efeitos significativos na avaliação do esforço mental em função da condição ($F= 1.23$; $p=.269$), nem em função do tipo de entrevista ($F= 7.44$; $p=.391$) em ambas as entrevistas. Também não se verificaram efeitos estatisticamente significativos na avaliação do esforço mental em função da interação entre as variáveis entre sujeito ansiedade social (alta ou baixa) e condição (verdade ou mentira) ($F=.001$; $p=.975$).

Nervosismo

Com a realização da ANOVA mista, verificaram-se efeitos significativos do tipo de entrevista na avaliação do nervosismo dos entrevistados ($F= 5.43$; $p=.022$; $\eta^2=.068$). O teste post-hoc Bonferroni revelou diferenças significativas na avaliação do nervosismo nas entrevistas ($p=.022$), tendo os participantes, no geral, sido considerados mais nervosos durante a EA do que durante a ERI (Figura 2).

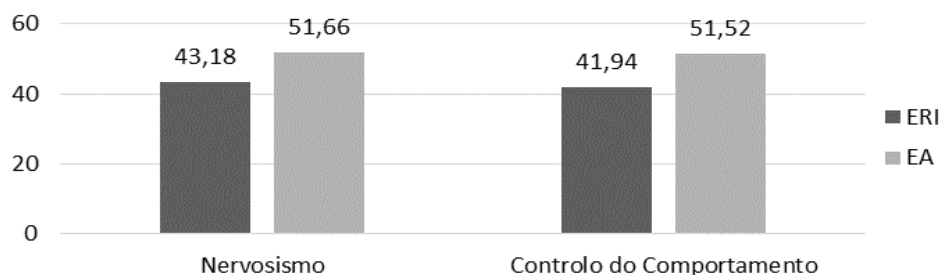


Figura 2. Avaliação do nervosismo e do controlo do comportamento em função do tipo de entrevista

A análise desta ANOVA permitiu também verificar que o nível de ansiedade social teve efeito quase significativo na opinião sobre o nervosismo dos entrevistados nas diferentes entrevistas ($F= 3.60$; $p=.061$; $\eta^2=.046$). Os entrevistados com elevada ansiedade social foram considerados ligeiramente mais nervosos do que os entrevistados com baixa ansiedade social, na EA ($p=.347$). Os entrevistados com baixa ansiedade social, foram igualmente considerados mais nervosos na EA ($p=.158$) (Figura 3).

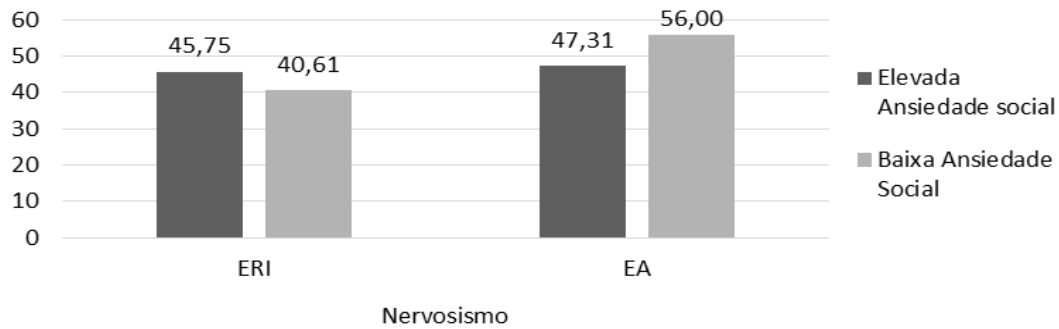
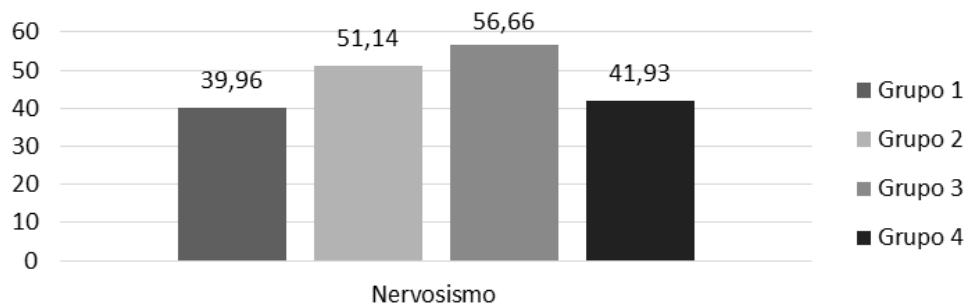


Figura 3. Avaliação do nervosismo dos entrevistados em função dos níveis de ansiedade social e do tipo de entrevista

Verificaram-se ainda efeitos da interação entre as variáveis entre sujeito ansiedade social (alta ou baixa) e condição (verdade ou mentira) ($F= 8.356$; $p = .005$), independentemente do tipo de entrevista. No caso dos entrevistados com baixa ansiedade social, os inocentes foram considerados menos nervosos do que os mentirosos ($p = .012$). Nos grupos na condição mentira, os entrevistados com elevada ansiedade social foram considerados menos nervosos do que aqueles com baixa ansiedade social ($p = .027$). A avaliação dos inocentes com elevada ansiedade social não apresentou diferenças significativas dos outros grupos (Figura 4).



Nota: Grupo 1= inocentes com baixo nível de ansiedade social; Grupo 2= inocentes com elevado nível de ansiedade social; Grupo 3= mentirosos com baixo nível de ansiedade social; Grupo 4= mentirosos com elevado nível de ansiedade social

Figura 4. Avaliação do nervosismo dos entrevistados em função dos níveis de ansiedade social e da condição

Em ambas as entrevistas não se verificaram efeitos significativos na avaliação do nervosismo em função da condição ($F=.464$; $p = .498$).

Controlo do comportamento

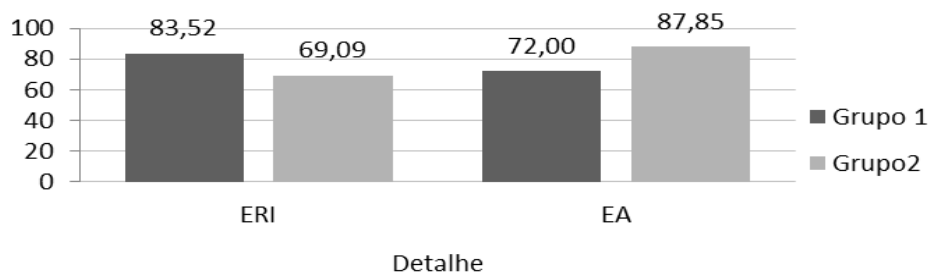
Com a realização da ANOVA mista, verificaram-se efeitos significativos do tipo de entrevista na opinião sobre o controlo do comportamento ($F= 6.28$; $p = .014$; $\eta^2=.077$). O teste Bonferroni revelou diferenças significativas na avaliação do controlo do comportamento nas

entrevistas ($p=.014$), sendo que os entrevistados foram avaliados como controlando mais o comportamento durante a EA do que durante a ERI (Figura 2).

Não se verificaram efeitos significativos na avaliação do controlo do comportamento em função da condição ($F= 1.63$; $p =.206$), nem em função do nível de ansiedade social ($F=.019$; $p =.892$) nos dois tipos de entrevistas. Também não se verificaram efeitos significativos em função da interação entre as variáveis entre sujeito ansiedade social (alta ou baixa) e condição (verdade ou mentira) ($F=.065$; $p=.800$).

Detalhe

Através da ANOVA mista, verificaram-se efeitos significativos em função das interações entre as variáveis entre sujeito ansiedade social (baixa vs. elevada) e condição (Verdade vs. Mentira) na opinião sobre o detalhe dos discursos, para as duas entrevistas ($F= 4.16$; $p =.045$; $\eta^2 =.053$). Com recurso à análise post-hoc com o teste Bonferroni verificaram-se diferenças estatisticamente significativas nas avaliações do detalhe dos grupos na condição Verdade tanto na ERI ($p =.050$) como na EA ($p =.035$). Na ERI foram avaliados como mais detalhados os discursos dos entrevistados inocentes com baixa ansiedade social (Grupo 1) comparativamente com os entrevistados inocentes com elevada ansiedade social (Grupo 2). Na EA aconteceu o oposto, tendo sido considerados mais detalhados os discursos dos entrevistados inocentes com elevada ansiedade social (Grupo 2), comparativamente ao discurso dos entrevistados inocentes com baixa ansiedade social (Grupo 1) (Figura 5).



Nota: Grupo 1= inocentes com baixo nível de ansiedade social; Grupo 2= inocentes com elevado nível de ansiedade social

Figura 5. Avaliação do nível de detalhe do discurso dos entrevistados na condição Verdade

Verificaram-se também efeitos próximos de estatisticamente significativos na avaliação do detalhe em função do nível de ansiedade social dos participantes ($F= 4.88$; $p =.030$; $\eta^2 =.061$). A análise com o teste Bonferroni indicou a ocorrência de diferenças quase significativas estatisticamente na avaliação do detalhe do discurso dos entrevistados durante a EA ($p=.057$), tendo os entrevistados com elevado nível de ansiedade social tido o seu discurso avaliado como mais detalhado do que participantes com baixa ansiedade social (Figura 1).

Não se verificaram efeitos significativos na avaliação do detalhe em função da condição Verdade vs. Mentira ($F=1.74$; $p=.190$), nem em função do tipo de entrevista ($F=.094$; $p=.760$).

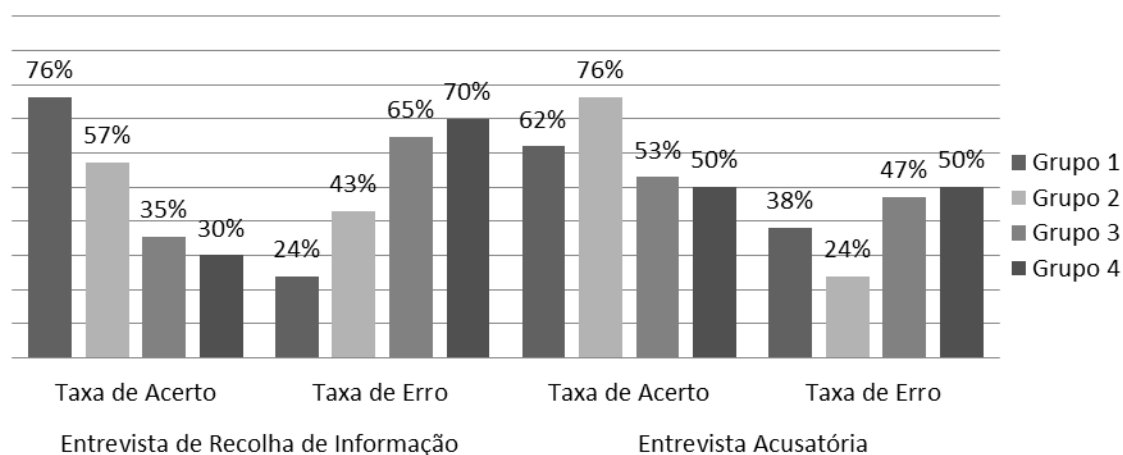
Plausibilidade

Com a realização da ANOVA mista, não se verificaram quaisquer efeitos estatisticamente significativos na avaliação da plausibilidade dos relatos dos entrevistados. Não se verificaram efeitos significativos em função do tipo de entrevista ($F=.683$; $p=.411$). Também não se verificaram efeitos em função da condição ($F=1.18$; $p=.280$), do nível de ansiedade social ($F=.096$; $p=.757$) ou da interação entre estas variáveis ($F=.571$; $p=.452$).

Discriminação direta de mentirosos e inocentes

Entrevista de recolha de informação

Verificaram-se diferenças estatisticamente significativas nas taxas de acerto dos observadores ao avaliarem os discursos obtidos nas entrevistas de recolha de informação para os vários grupos ($\chi^2(3)=10.850$, $p=.013$). Os valores mais preponderantes aconteceram nos grupos de inocentes com baixa ansiedade social (Grupo 1) e no grupo de mentirosos com elevada ansiedade social (Grupo 4). No primeiro caso aconteceram mais acertos do que esperado, sendo que os entrevistados inocentes com baixa ansiedade social foram frequentemente interpretados corretamente (Grupo 1) e raramente interpretados como mentirosos. No segundo caso aconteceram mais erros do que esperado, sendo os participantes mentirosos com elevada ansiedade social frequentemente interpretados como estando a dizer a verdade (Grupo 4) (Figura 6).



Nota: Grupo 1= inocentes com baixo nível de ansiedade social; Grupo 2= inocentes com elevado nível de ansiedade social; Grupo 3= mentirosos com baixo nível de ansiedade social; Grupo 4= mentirosos com elevado nível de ansiedade social

Figura 6. Discriminação de inocentes e mentirosos nos vários grupos

Entrevista acusatória

Não se verificaram diferenças estatisticamente significativas nas taxas de acerto dos observadores ao avaliarem os discursos obtidos nas entrevistas acusatórias nos vários grupos ($\chi^2(3) = 3,516, p = .319$). As taxas de acerto foram maiores nos grupos com a condição verdade, sendo que a maior taxa de acerto se verificou para os entrevistados com elevada ansiedade social, sendo estes participantes frequentemente classificados como inocentes (Grupo 2) (Figura 5).

Sumário

Considerada toda a informação (Figura 5), verifica-se que nos grupos com a condição Verdade (Grupos 1 e 2) a taxa de acerto é sempre maior do que a de erro, independentemente do tipo de entrevista; já nos grupos com a condição Mentira (Grupos 3 e 4) encontram-se situações distintas em cada entrevista. No caso dos mentirosos com baixo nível de ansiedade (Grupo 3) aconteceram mais erros do que acertos na ERI, enquanto na entrevista acusatória existiram mais acertos do que erros. Para os mentirosos com elevado nível de ansiedade (Grupo 4) aconteceram igualmente mais erros do que acertos na ERI. As taxas de acerto com base nos discursos obtidos durante a EA foram maiores para todos os grupos, com exceção do grupo composto pelos entrevistados inocentes com baixa ansiedade social (Grupo 1).

Discussão

Na deteção da mentira, um aspeto importante de considerar, no sentido de prevenir erros, são as características individuais (Vrij et al., 2010; Vrij, 2004). Neste estudo atentamos no nível de ansiedade social, uma característica relevante a considerar, uma vez que pessoas com elevada ansiedade social se tornam suscetíveis de serem consideradas menos credíveis, correndo o risco de serem interpretadas como estando a mentir, mesmo quando estão a dizer a verdade (Vrij, 2004). Deste modo, foram incluídas na amostra pessoas com diferentes níveis de ansiedade social, que foram entrevistadas numa ERI e numa EA, tendo vários aspetos do seu desempenho sido posteriormente avaliados por observadores. Pretendeu-se perceber qual o impacto do nível de ansiedade social dos participantes na opinião dos observadores, em várias dimensões do comportamento associadas à deteção da mentira, e por fim, na sua tomada de decisão sobre a veracidade dos discursos, em ambas as entrevistas.

Através dos resultados relativos à opinião dos observadores nas várias dimensões em estudo (esforço mental, nervosismo, controlo do comportamento, detalhe e plausibilidade do discurso) verificou-se que apenas houve influência da interação entre o nível de ansiedade social e a condição (Verdade vs. Mentira) na avaliação do detalhe do discurso em ambas as entrevistas. A interação entre o nível de ansiedade social e a condição mostrou também influência na avaliação do

nervosismo, mas sem se verificar influência do tipo de entrevista. Foi possível perceber também que os níveis de ansiedade social podem ter influência na opinião sobre o esforço mental, nervosismo e detalhe do discurso, de forma distinta nos dois tipos de entrevista. Os resultados sugerem ainda influência do tipo de entrevista, por si só, na avaliação que observadores realizaram relativamente ao nervosismo e ao controlo do comportamento. Nos resultados relativos à discriminação de mentirosos e inocentes, verificou-se, contrariamente ao esperado, que os entrevistados inocentes com elevada ansiedade social foram, nos dois tipos de entrevista, mais corretamente discriminados como estando a dizer a verdade, do que os entrevistados mentirosos com baixo nível de ansiedade social foram identificados como estando a mentir. Verificou-se ainda que as taxas de acerto foram mais favoráveis para os relatos obtidos com a entrevista acusatória, para todos os grupos exceto para os entrevistados inocentes com baixa ansiedade social.

Relativamente à avaliação dos observadores sobre as várias dimensões em estudo esperava-se que os entrevistados inocentes com elevado nível de ansiedade social fossem avaliados com um grau de detalhe igual ou inferior aos mentirosos com baixa ansiedade social, na entrevista acusatória. Os resultados obtidos demonstraram que a interação entre a condição e o nível de ansiedade social dos entrevistados teve impacto na avaliação que os observadores fizeram sobre o detalhe dos discursos em ambas as entrevistas, tendo estes efeitos acontecido apenas para os grupos da condição Verdade. Contudo, na EA o que se verificou foi que os entrevistados inocentes com elevado nível de ansiedade social tiveram o seu discurso avaliado como o mais detalhado comparativamente aos inocentes com baixa ansiedade social, o que não vai de encontro ao esperado, sobretudo nesta entrevista, que em termos de interação social pode ser considerada mais ameaçadora. Na ERI foram considerados mais detalhados os discursos dos inocentes com baixa ansiedade social, comparativamente aos inocentes com elevada ansiedade social. Porém, parece fazer sentido que o desempenho dos inocentes socialmente ansiosos ao nível do detalhe tenha sido mais favorável na EA, considerando que a ERI foi a entrevista na qual as pessoas socialmente ansiosas foram avaliados com maior esforço mental, o que pode ter prejudicado o desempenho nesta entrevista ao nível do detalhe. Alguns estudos sugerem, que, em consequência da atenção auto focada, os indivíduos com Fobia Social, poderão vivenciar um enviesamento negativo na interpretação de situações sociais ambíguas e moderadamente negativas (Beazley et al., 2001; Hirsch & Clark, 2004). Assim, poderá especular-se que devido à habitual interpretação dos eventos sociais de forma mais negativa, os entrevistados socialmente ansiosos não se terão deixado afetar pelo carácter mais ameaçador da EA, enquanto para os entrevistados com baixa ansiedade social esta terá sido encarada como uma vivência menos usual e mais propícia a um desempenho menos favorável.

Verificou-se também que o nível de ansiedade social, por si só, tem influência na avaliação dos observadores sobre o detalhe do discurso, sendo que os entrevistados com elevado nível de ansiedade social tiveram os seus discursos avaliados como mais detalhados durante a EA. É possível que tanto os inocentes com elevada ansiedade social comparativamente aos inocentes com baixa ansiedade social, como dos ansiosos sociais no geral (isto é, independentemente de estarem a mentir ou a dizer a verdade), tenham tido os discursos considerados como mais detalhados devido à preocupação em passar uma boa impressão de si próprios (Clark, 2001).

Contudo, os mentirosos e inocentes não foram distinguíveis com base no detalhe do seu discurso. A literatura refere que geralmente o discurso dos mentirosos é menos detalhado; contudo, é possível que por não darem a sua credibilidade por garantida, ao contrário dos inocentes, por vezes se esforcem para dar mais detalhe ao seu relato (DePaulo et al., 2003; Vrij, Granhag, Mann, & Leal, 2011; Vrij et al., 2010), sendo possível que este aspeto tenha contribuído para reduzir a influência da condição na avaliação dos observadores sobre o detalhe. Além disso, quando conseguem antecipar as perguntas que lhes serão feitas, os mentirosos podem parecer tão consistentes quanto os inocentes (Vrij et al., 2009), sendo que o objetivo do estudo poderia ter sido previsto pelos participantes com base nas instruções recebidas.

Os níveis de ansiedade social tiveram influência na avaliação dos observadores relativa ao esforço mental. Esperava-se que os inocentes com elevada ansiedade social fossem avaliados com tanto ou maior esforço mental que os mentirosos com baixa ansiedade social, na ERI. Efetivamente os entrevistados com elevada ansiedade social foram avaliados com maior esforço mental, na ERI, mas independentemente de estarem a mentir ou a dizer a verdade. Estes resultados vão de encontro à literatura, na medida em que a ERI é considerada mais exigente cognitivamente (Vrij, Mann, et al., 2006) e devido à sintomatologia da ansiedade social ser também sugestiva de que, durante uma interação social, pessoas socialmente ansiosas estarão sujeitas a maior carga cognitiva, comparativamente a pessoas com baixos níveis de ansiedade social (Clark & Wells cit. Gaydukevych & Kocovski, 2012; Beazley et al., 2001; Hackmann et al., 2000; Hirsch & Clark, 2004; Wild et al., 2007). Porém, estes resultados sugerem a impossibilidade de distinguir inocentes e mentirosos com elevada ansiedade social com base no esforço mental.

Contudo, considerada isoladamente a influência da condição não se evidenciaram efeitos significativos na avaliação do esforço mental, o que não vai de encontro a resultados obtidos em estudos anteriores (Mann & Vrij, 2006; Vrij, Mann, et al., 2006). Algumas limitações metodológicas poderão explicar o atenuar dos efeitos dos entrevistados serem mentirosos ou inocentes nesta avaliação. Suprimir a verdade das respostas é um dos fatores que contribui para a exigência cognitiva durante a mentira (Vrij, Fisher, et al., 2006). Neste caso os participantes mentirosos em vez de realizarem a tarefa sobre a qual tiveram que mentir limitaram-se a ler uma

breve mensagem e a aguardar, o que poderá consistir numa memória pouco relevante e fácil de suprimir. Acrescenta-se ainda que além de terem acesso à lista de tarefas a realizar tiveram a possibilidade de permanecer no mesmo espaço que os inocentes aquando a leitura, o que não se verifica em algumas metodologias (por exemplo, Vrij, Mann, Leal, & Granhag, 2010; Vrij, Mann, et al., 2006), e poderá ter facilitado a formulação da mentira, tendo colocado os mentirosos numa situação mais equiparável à dos inocentes. Uma das estratégias que os mentirosos podem utilizar e que dificultam a deteção da mentira passa por incluir nos seus relatos uma mistura de informações verdadeiras e falsas (Vrij, Granhag, et al., 2010). É possível que os mentirosos tenham sentido alguma facilidade na utilização desta estratégia, recorrendo por exemplo à inclusão da descrição do gabinete, que tiveram possibilidade conhecer, no seu discurso. Por outro lado, é necessário considerar que a carga cognitiva, apesar de mais exacerbada nos mentirosos não é exclusiva destes, podendo os inocentes necessitar de pensar arduamente (Vrij, Granhag, et al., 2010). Por exemplo, a recuperação de uma história verdadeira pode ser exigente se a história não for ensaiada (Vrij et al., 2008), como é o caso na condição verdade.

Esperava-se que os entrevistados inocentes com elevada ansiedade social fossem avaliados como apresentando tanto ou maior nervosismo que os mentirosos com baixa ansiedade social, durante a EA. Os resultados obtidos suportaram que o nível de ansiedade social dos entrevistados teve influência na forma como foram avaliados. Conforme seria de esperar os entrevistados com elevada ansiedade social foram avaliados como mais nervosos durante a EA do que durante a ERI (Vrij, Mann, et al., 2006), embora com uma diferença muito ligeira. Os entrevistados com baixa ansiedade social foram considerados igualmente mais nervosos na EA, em comparação à ERI. A interação entre o nível de ansiedade social e a condição mostrou também influência na avaliação do nervosismo, mas independentemente do tipo de entrevista. No caso dos entrevistados com baixa ansiedade social, os inocentes foram considerados menos nervosos do que os mentirosos. Considerando apenas os entrevistados mentirosos, foi possível verificar que os mentirosos com elevada ansiedade social foram considerados os menos nervosos comparativamente aos mentirosos com baixa ansiedade social, o que poderá ser explicado por uma maior prática dos ansiosos sociais na auto monitorização do comportamento (Clark, 2001). Entre os inocentes com elevada ansiedade social e os mentirosos com baixa ansiedade social, conforme esperado, não se verificaram diferenças significativas, o que significa que os observadores não foram capazes de distinguir estes indivíduos com base no nervosismo. Porém o facto dos entrevistados estarem a mentir ou a dizer a verdade, quando considerado isoladamente, não teve influência na opinião dos observadores sobre o nervosismo, assim não surgiram efeitos significativos que corroborassem resultados de estudos anteriores no sentido dos mentirosos serem considerados mais nervosos, particularmente na EA (Vrij, Mann, et al., 2006). Isto remete para outros estudos indicativos de que a presença de pistas de

nervosismo não se relaciona de forma consistente com o ato de mentir (Mann et al., 2002; Mann & Vrij, 2006; Vrij, 2004). Strömwall, Granhag e Hartwig (2004 cit. Vrij, Mann, et al., 2010) explicam que as pessoas acreditam que demonstrar nervosismo, agitação e evitar o contato ocular parece suspeito, tendo esta crença sido verificada num estudo no qual mentirosos e inocentes utilizaram estratégias não-verbais semelhantes no sentido de suprimir sinais de nervosismo (Vrij, Mann, et al., 2010).

O tipo de entrevista, por si só, teve efeito na forma como os observadores avaliaram os entrevistados relativamente ao nervosismo e ao controlo do comportamento. Os entrevistados foram, no geral, considerados mais nervosos durante a EA, o que vai de encontro à literatura (Vrij, Mann, et al., 2006). Relativamente ao controlo do comportamento, esperava-se que os inocentes com elevado nível de ansiedade social fossem avaliados como controlando o comportamento tanto ou mais que os mentirosos com baixo nível de ansiedade social, particularmente na entrevista acusatória (Vrij, Mann, et al., 2010; Vrij, Mann, et al., 2006; Vrij et al., 1996). Em concordância, no seu conjunto, os entrevistados foram avaliados como controlando mais o comportamento durante a EA, tendo sido esta a única influência estatisticamente significativa na avaliação desta dimensão. No entanto, seria de esperar que tanto os mentirosos como os ansiosos sociais, considerados isoladamente, fossem avaliados como os que mais tentaram controlar o seu comportamento, o que não ocorreu. É possível que no caso dos mentirosos isto não se tenha verificado devido, a tratar-se de uma circunstância na qual as repercussões da mentira não motivassem elevada preocupação com o desempenho (Malone & DePaulo, cit. Vrij, Granhag, et al., 2010), traduzindo-se num baixo esforço. No caso dos ansiosos sociais é possível que este aspeto não se tenha verificado por se tratar de uma amostra não clínica, na qual estarão incluídos ansiosos sociais bem adaptados, nos quais os processos de monitorização do comportamento característicos da sintomatologia (Clark, 2001) não sejam tão evidentes.

Não existiram efeitos significativos em função do tipo de entrevista por si só na avaliação do esforço mental nem do detalhe, o que não vai de encontro a resultados obtidos em estudos anteriores, nos quais a ERI é considerada mais exigente cognitivamente (Mann & Vrij, 2006; Vrij, Mann, et al., 2006) e mais propícia à obtenção de detalhe (Vrij, Granhag, et al., 2010). É possível que por na EA ter sido pedido aos entrevistados para descreverem o que estiveram a fazer dentro do gabinete a exigência cognitiva e o nível de detalhe se tenha tornado aproximado nos dois tipos de entrevista.

Era esperado que os indivíduos inocentes com elevada ansiedade social tivessem os seus discursos considerados tão ou menos plausíveis que os mentirosos com baixa ansiedade social, sobretudo durante a EA, contudo, não se verificaram quaisquer efeitos estatisticamente significativos na avaliação dos observadores sobre este parâmetro. Como em resultados anteriores a

EA foi considerada pelos entrevistados mais desconfortável do que a ERI (Vrij, Mann, et al., 2006), seria de esperar que pelo menos os ansiosos sociais, que inclusive foram avaliados como mais nervosos durante esta entrevista, tivessem efetivamente o seu discurso avaliado como menos plausível. Também por haver tendência para serem considerados menos credíveis (Vrij, 2004) esperava-se que os seus discursos fossem avaliados como menos plausíveis. Este efeito poderá não ter sido visível no presente estudo, por versar uma amostra não clínica, que poderá compor-se por ansiosos sociais bem treinados. A opinião dos observadores sobre a plausibilidade do discurso dos entrevistados também não foi influenciada por os entrevistados estarem a mentir ou a dizer a verdade. É possível que por um lado, os mentirosos não se tenham sentido motivados o suficiente para se esforçarem a mentir (Malone & DePaulo, cit. Vrij, Granhag, et al., 2010) e por outro os inocentes tenham sentido como garantida a sua credibilidade, não se esforçando tanto (DePaulo et al., 2003; Vrij et al., 2011; Vrij et al., 2010).

Relativamente à discriminação de mentirosos e inocentes, conforme seria de esperar, os inocentes, principalmente aqueles com baixa ansiedade social, foram os mais corretamente discriminados pelos observadores, sobretudo na ERI. Estes resultados vão de encontro a resultados previamente obtidos, indicativos de que as taxas de acerto são geralmente superiores para inocentes (DePaulo et al., 2003). Quanto à discriminação de mentirosos e inocentes, esperava-se que os inocentes com elevada ansiedade social fossem frequentemente considerados mentirosos, principalmente durante a EA, o que não se verificou, tendo sido estes os entrevistados mais frequentemente bem identificados neste tipo de entrevista, embora tratando-se de resultados não significativos. Relativamente aos entrevistados mentirosos com elevada ansiedade social, tinha-se colocado como hipótese que seriam os mais frequentemente bem identificados, sobretudo na EA, considerada a possibilidade dos observadores terem a sua decisão influenciada pelo estereótipo de mentiroso. Contudo nesta entrevista aconteceram tantos acertos como erros, o que vai de encontro à literatura relativamente às taxas de sucesso na discriminação (Bond & DePaulo, 2006). Na ERI, o que se verificou foi que os mentirosos com elevada ansiedade social foram frequentemente considerados inocentes, o que não vai de encontro ao esperado, uma vez que os ansiosos sociais são geralmente considerados menos credíveis (Vrij, 2004), tornando-se indivíduos menos prováveis de ser considerados inocentes (Bond & DePaulo, 2008).

No seu conjunto, os resultados relativos às taxas de discriminação podem ser explicados por uma tendência, já identificada, para considerar os outros honestos (Levine, Park, & MacCornack, 1999). Efetivamente, no seu dia-a-dia as pessoas depararam-se mais com mensagens verdadeiras do que com mentiras, por isso há tendência para assumir que a maioria dos comportamentos serão reflexo de honestidade (heurística da disponibilidade, O'Sullivan, Ekman, & Friesen, 1988; Vrij, Granhag, et al., 2010). De acordo, ao estudar a presença de enviesamentos

cognitivos na detecção a mentira, Burgoon, Blair e Strom (2008) verificaram a ocorrência da tendência para a sobrestimação da honestidade dos outros. Os autores verificaram ainda que este efeito acontece de forma intensificada quando os observadores têm acesso às pistas não-verbais, como no caso da visualização de vídeos, comparativamente à mesma informação mostrada em áudio ou transcrita. Adicionalmente, no caso dos mentirosos com elevada ansiedade social podem especular-se alguns motivos para que tenham sido bem-sucedidos a mentir, nomeadamente a existência de aspetos comuns entre a sintomatologia da ansiedade social e as características que promovem o sucesso na mentira, como a auto monitorização do comportamento. Sabe-se também que a ERI é considerada uma entrevista menos desconfortável pelos participantes (Vrij, Mann, et al., 2006), o que poderá, neste caso ter atenuado a emissão de pistas de nervosismo e contribuído para que os observadores os considerassem mais credíveis.

Comparadas as taxas de acerto obtidas nas duas entrevistas observa-se que a na EA as taxas de acerto foram maiores para todos os grupos, com exceção dos inocentes com baixa ansiedade social. Contudo, são apontadas várias limitações a este tipo de entrevista e várias vantagens à ERI, nomeadamente a obtenção de maior detalhe, o que no contexto forense é útil em termos de permitir a comparação dos relatos com evidências já apuradas, podendo verificar-se inconsistências e contradições (Vrij, Granhag, et al., 2010). Esta vantagem parece ter-se evidenciado no caso dos inocentes com baixa ansiedade social, o grupo mais bem discriminado e neste tipo de entrevista; tendo sido também o grupo no qual os discursos foram avaliados com maior nível de detalhe, neste tipo de entrevista. Porém, nem todos os grupos foram avaliados como tendo o discurso mais detalhado na ERI. Os grupos com elevada ansiedade social tiveram o seu relato avaliado mais detalhado na EA, o que pode ter contribuído para a taxa de acerto superior para estes grupos precisamente nesta entrevista, comparativamente à ERI. Os entrevistados com baixa ansiedade social foram ainda considerados os mais nervosos durante a EA. Este aspeto poderá explicar a maior taxa de acerto para os mentirosos com baixa ansiedade social a partir do relato obtido nesta entrevista, considerando que as pistas de nervosismo tendem a ser interpretadas como pistas de mentira. Adicionalmente, este aspeto também poderá ser explicativo de uma menor taxa de acerto para os inocentes com baixa ansiedade social na EA, comparativamente à ERI.

Devem considerar-se algumas limitações metodológicas, além das já referidas, como o facto da amostra de entrevistados na qual as diferenças entre os grupos com baixa e alta ansiedade, apesar de significativas, em termos de percentis não se distanciam muito. Acrescenta-se que tanto a amostra de entrevistados como a amostra de observadores é reduzida, tendo o desempenho de cada entrevistado e a decisão sobre ser mentiroso ou inocente sido avaliada apenas por um observador. Além destas limitações decorrem outras, simplesmente por se tratar de um estudo de laboratório, nomeadamente o facto de os participantes não optarem por mentir, sendo instruídos a fazê-lo,

tratando-se assim de uma mentira que foi permitida e que pode ser por eles considerada aceitável e menos exigente (Vrij, Granhag, et al., 2010). Adicionalmente as consequências negativas de ser identificado como mentiroso e as consequências positivas de ser considerado inocentes são pequenas (Malone e DePaulo, 2001 cit. Vrij, Granhag, et al., 2010), daí o usual recurso a incentivos monetários no sentido de aumentar a motivação para um desempenho convincente. Precisamente por isto, o nível de motivação dos participantes para serem credíveis durante os relatos torna-se importante de considerar e pode encontrar-se em algumas metodologias (por exemplo, Vrij, Mann, et al., 2010). Alguns autores salientam ainda que a oportunidade de aceder a outros tipos de informação, como informações de terceiros, evidências físicas e confissões, contribuem para a deteção da mentira (Park, Levine, McCornack, Morrison, & Ferrara, 2002), o que não é possível neste tipo de estudo no qual os observadores tiveram acesso apenas à informação presente nos vídeos.

Uma vez que um dos motivos que pode levar a que pessoas socialmente ansiosas inocentes sejam confundidas com mentirosos tem a ver com a emissão de pistas de nervosismo e com o facto de serem consideradas menos credíveis seria interessante a realização de um estudo de deteção da mentira com esta população, no qual o estímulo avaliado pelos observadores fosse apenas áudio. Adicionalmente isto poderia contribuir para que a tendência para a sobrestimação da honestidade, que os resultados sugerem neste estudo, fosse diminuída (Burgoon et al., 2008).

No presente trabalho a avaliação das várias dimensões em estudo foi realizada apenas pelos observadores. Seria pertinente estudar as autoavaliações dos entrevistados sobre estas dimensões, uma vez que permitiria compreender o impacto que mentir tem nas pessoas socialmente ansiosas, nomeadamente ao nível cognitivo. Além disso, seria interessante obter as suas perceções sobre os efeitos de cada entrevista. Adicionalmente, seria interessante verificar se estas autoavaliações seriam consistentes com avaliações realizadas por observadores.

Ainda assim este estudo permitiu a compreensão de alguns fenómenos que podem ser importantes na deteção da mentira de pessoas socialmente ansiosas. Obtivemos resultados sugestivos de que níveis elevados de ansiedade social podem estar associados a uma carga cognitiva percebida como mais elevada, independentemente da pessoa estar a mentir ou a dizer a verdade. Este aspeto tem implicações para a deteção da mentira com a abordagem da carga cognitiva uma vez que adivinha dificuldades na discriminação destes indivíduos. Reforça ainda que as características individuais podem contribuir para diferentes níveis de carga cognitiva (Paas, Tuovinen, Tabbers, & Gerven, 2010; Xie & Salvendy, 2000). Torna-se ainda interessante se considerarmos que perante alguns resultados que não foram no sentido esperado, nomeadamente ao nível da avaliação que os observadores fizeram do detalhe do discurso dos ansiosos sociais e a elevada frequência com que os mentirosos com elevada ansiedade social foram considerados

inocentes na ERI, ao integrarmos a sintomatologia da ansiedade social na interpretação é possível fazer-se sentido dos resultados obtidos.

Verificámos ainda que independentemente dos níveis de ansiedade social e da condição os entrevistados foram considerados mais nervosos e avaliados com maior controlo do comportamento durante a EA, o que reforça que a EA tende a desencadear respostas semelhantes nas pessoas (Vrij, Granhag, et al., 2010). Assim, embora os resultados na discriminação de mentirosos e inocentes tenham sido mais favoráveis nesta entrevista, ao considerar a análise dos resultados obtidos nas dimensões sobressaem as limitações deste tipo de entrevista. Este trabalho reafirma também que diferentes tipos de entrevista têm influência na forma como as mesmas pessoas podem ser percecionadas, ficando salientada a importância das variações intrapessoais. A mesma pessoa pode responder de forma diferente em diferentes contextos, o que deve ser considerado (Vrij, Granhag, et al., 2010), devido à possibilidade de conduzir a impressões diferentes nos observadores.

A deteção de mentira depende fortemente das características dos mentirosos e dos inocentes, sendo a credibilidade que mentirosos e inocentes transparecerem o fator com maior impacto no julgamento (tomada de decisão). A credibilidade da pessoa tem inclusive maior impacto do que o facto de mentir ou dizer a verdade, sendo mais provável que pessoas muito credíveis sejam consideradas inocentes quando mentem, do que pessoas com baixo nível de credibilidade que digam a verdade (Bond & DePaulo, 2008). Assim, este estudo reveste-se de pertinência e permitiu efetivamente verificar que os níveis de ansiedade social podem influenciar a opinião sobre características relacionadas com a deteção da mentira, nomeadamente esforço mental, nervosismo e detalhe do discurso, o que em última instância pode afetar a tomada de decisão sobre a inocência dos suspeitos.

Referências

- American Psychological Association. (2002). *Manual de Diagnóstico e Estatístico das Perturbações Mentais* (4ª edição,.). Lisboa: Climepsi.
- Anderson, D. E., DePaulo, B. M., & Ansfield, M. E. (2002). The Development of Deception Detection Skill: A Longitudinal Study of Same-Sex Friends. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 28(4), 536–545. doi:10.1177/0146167202287010
- Ayres, P. (2006). Using subjective measures to detect variations of intrinsic cognitive load within problems. *Learning and Instruction*, 16(5), 389–400. doi:10.1016/j.learninstruc.2006.09.001
- Baldwin, M. W., & Main, K. J. (2001). Social Anxiety and the Cued Activation of Relational Knowledge, 27, 1637–1647.

- Beazley, M. B., Glass, C. R., Chambless, D. L., & Arnkoff, D. B. (2001). Cognitive Self-Statements in Social Phobia : A Comparison Across Three Types of Social Situations, 25(6), 781–799.
- Bond, C. F., & Depaulo, B. M. (2008). Individual differences in judging deception: accuracy and bias. *Psychological Bulletin*, 134(4), 477–92. doi:10.1037/0033-2909.134.4.477
- Bond, C. F., & DePaulo, B. M. (2006). Accuracy of deception judgments. *Personality and Social Psychology Review: An Official Journal of the Society for Personality and Social Psychology, Inc*, 10(3), 214–34. doi:10.1207/s15327957pspr1003_2
- Burgoon, J. K. (1994). Interpersonal Deception: III. Effects of Deceit on Perceived Communication and Nonverbal Behavior Dynamics. *Journal of Nonverbal Behavior*, 18(2), 155–184.
- Burgoon, J. K., Blair, J. P., & Strom, R. E. (2008). Cognitive Biases and Nonverbal Cue Availability in Detecting Deception. *Human Communication Research*, 34(4), 572–599. doi:10.1111/j.1468-2958.2008.00333.x
- Clark, D. M. (2001). A Cognitive Perspective on Social Phobia (pp. 403–430).
- Clark, D. M., & McManus, F. (2002). Information processing in social phobia. *Biological Psychiatry*, 51(1), 92–100. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11801234>
- DePaulo, B. M., Lindsay, J. J., Malone, B. E., Muhlenbruck, L., Charlton, K., & Cooper, H. (2003). Cues to deception. *Psychological Bulletin*, 129(1), 74–118. doi:10.1037/0033-2909.129.1.74
- Ekman, P., & Friesen, W. V. (1972). Hand-Movements. *The Journal of Communication*, 22, 353–374.
- Ford, E. B. (2006). Lie detection: historical, neuropsychiatric and legal dimensions. *International Journal of Law and Psychiatry*, 29(3), 159–77. doi:10.1016/j.ijlp.2005.07.001
- Gaydukevych, D., & Kocovski, N. L. (2012). Effect of self-focused attention on post-event processing in social anxiety. *Behaviour Research and Therapy*, 50(1), 47–55. doi:10.1016/j.brat.2011.10.010
- Gudjonsson, G. H., & Pearse, J. (2011). Suspect Interviews and False Confessions. *Current Directions in Psychological Science*, 20(1), 33–37. doi:10.1177/0963721410396824

- Hackmann, A., Clark, D. M., & McManus, F. (2000). Recurrent images and early memories in social phobia. *Behaviour Research and Therapy*, 38(6), 601–10. doi:10.1016/S0005-7967(99)00161-8
- Hart, C. L., Fillmore, D. G., & Griffith, J. D. (2009). Indirect Detection of Deception: Looking for Change. *Current Research in Social Psychology*, 14(9), 134–142.
- Hirsch, C. R., & Clark, D. M. (2004). Information-processing bias in social phobia. *Clinical Psychology Review*, 24(7), 799–825. doi:10.1016/j.cpr.2004.07.005
- Levine, T. R., Park, H. S., & MacCornack, S. A. (1999). Accuracy in Detecting Truths and Lies: Documenting the “Veracity Effect.” *Communication Monographs*, 66, 125–144.
- Mann, S., & Vrij, A. (2006). Police officers’ judgements of veracity, tenseness, cognitive load and attempted behavioural control in real-life police interviews. *Psychology, Crime & Law*, 12(3), 307–319. doi:10.1080/10683160600558444
- Mann, S., Vrij, A., & Bull, R. (2002). Suspects, lies, and videotape: an analysis of authentic high-stake liars. *Law and Human Behavior*, 26(3), 365–76. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/12061624>
- O’Sullivan, M. (2003). The fundamental attribution error in detecting deception: the boy-who-cried-wolf effect. *Personality & Social Psychology Bulletin*, 29(10), 1316–27. doi:10.1177/0146167203254610
- O’Sullivan, M., Ekman, P., & Friesen, W. V. (1988). The effect of comparisons on detecting deceit. *Journal of Nonverbal Behavior*, 12, 203–215.
- Paas, F. G. W. C., & Merrienboer, J. J. G. Van. (1994). Variability of Worked Examples and Transfer of Geometrical Problem-Solving Skills : A Cognitive-Load Approach c o. *Journal of Educational Psychology*, 86(1), 122–133.
- Paas, F., Tuovinen, J. E., Tabbers, H., & Gerven, P. W. M. Van. (2010). Cognitive Load Measurement as a Means to Advance Cognitive Load Theory Cognitive Load Measurement as a Means to Advance Cognitive Load Theory. *Educational Psychologist*, 38(March 2014), 63–71. doi:10.1207/S15326985EP3801
- Park, H. S., Levine, T. R., McCornack, S. A., Morrison, K., & Ferrara, M. (2002). How people really detect lies. *Communication Monographs*, 69, 144–157. Retrieved from <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/714041710>

- Pinto-Gouveia, J., Cunha, M. I., & Salvador, M. do C. (2003). Assessment of Social Phobia by Self-Report Questionnaires: The Social Interaction and Performance Anxiety and Avoidance Scale and the Social Phobia Safety Behaviours Scale. *Behavioural and Cognitive Psychotherapy*, 31, 291–311.
- Serota, K. B., Levine, T. R., & Boster, F. J. (2010). The Prevalence of Lying in America: Three Studies of Self-Reported Lies. *Human Communication Research*, 36(1), 2–25. doi:10.1111/j.1468-2958.2009.01366.x
- Spence, S. a, Hunter, M. D., Farrow, T. F. D., Green, R. D., Leung, D. H., Hughes, C. J., & Ganesan, V. (2004). A cognitive neurobiological account of deception: evidence from functional neuroimaging. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London. Series B, Biological Sciences*, 359(1451), 1755–62. doi:10.1098/rstb.2004.1555
- Stopa, L., & Clark, D. M. (2000). Social phobia and interpretation of social events. *Behaviour Research and Therapy*, 38(3), 273–83. Retrieved from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/10665160>
- Vrij, A. (1995). Behavioral Correlates of Deception in a Simulated Police Interview. *The Journal of Psychology*, 129, 15–28.
- Vrij, A. (2004). Why professionals fail to catch liars and how they can improve. *Legal and Criminological Psychology*, 9(2), 159–181. doi:10.1348/1355325041719356
- Vrij, A., Edward, K., & Bull, R. (2001). People's insight into their own behaviour and speech content while lying. *British Journal of Psychology*, 92(2), 373–389. doi:10.1348/000712601162248
- Vrij, A., Edward, K., Roberts, K. P., & Bull, R. (2000). Detecting Deceit Via Analysis of Verbal and Nonverbal Behavior. *Journa of Nonverbal Behavior*, 24(1), 239–263.
- Vrij, A., Fisher, R., Mann, S., & Leal, S. (2006). Detecting deception by manipulating cognitive load. *Trends in Cognitive Sciences*, 10, 141–142. doi:10.1016/j.tics.2006.02.003
- Vrij, A., Fisher, R., Mann, S., & Leal, S. (2008). A cognitive load approach to lie detection. *Journal of Investigative Psychology and Offender Profiling*, 5(1-2), 39–43. doi:10.1002/jip.82
- Vrij, A., & Granhag, P. A. (2012). Eliciting cues to deception and truth: What matters are the questions asked. *Journal of Applied Research in Memory and Cognition*, 1(2), 110–117. doi:10.1016/j.jarmac.2012.02.004

- Vrij, A., Granhag, P. A., Mann, S., & Leal, S. (2011). Outsmarting the Liars: Toward a Cognitive Lie Detection Approach. *Current Directions in Psychological Science*, 20(1), 28–32. doi:10.1177/0963721410391245
- Vrij, A., Granhag, P. A., & Porter, S. (2010). Pitfalls and Opportunities in Nonverbal and Verbal Lie Detection. *Psychological Science in the Public Interest*, 11(3), 89–121. doi:10.1177/1529100610390861
- Vrij, A., Leal, S., Granhag, P. A., Mann, S., Fisher, R. P., Hillman, J., & Sperry, K. (2009). Outsmarting the liars: the benefit of asking unanticipated questions. *Law and Human Behavior*, 33(2), 159–66. doi:10.1007/s10979-008-9143-y
- Vrij, A., Mann, S., & Fisher, R. P. (2006). Information-gathering vs accusatory interview style: Individual differences in respondents' experiences. *Personality and Individual Differences*, 41(4), 589–599. doi:10.1016/j.paid.2006.02.014
- Vrij, A., Mann, S., Leal, S., & Granhag, P. A. (2010). Getting into the Minds of Pairs of Liars and Truth Tellers: An examination of their Strategies. *The Open Criminology Journal*, 3(1), 17–22.
- Vrij, A., Semin, G. R., & Bull, R. (1996). Insight Into Behavior Displayed During Deception. *Human Communication Research*, 22(4), 544–562. doi:10.1111/j.1468-2958.1996.tb00378.x
- Walczyk, J. J., Schwartz, J. P., Clifton, R., Adams, B., Wei, M., & Zha, P. (2005). Lying Person-To-Person About Life Events: a Cognitive Framework for Lie Detection. *Personnel Psychology*, 58(1), 141–170. doi:10.1111/j.1744-6570.2005.00484.x
- Wallbott, H. G., & Scherer, K. R. (1991). Stress specificities: Differential effects of coping style, gender, and type of stressor on autonomic arousal, facial expression, and subjective feeling. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61(1), 147–156. doi:10.1037//0022-3514.61.1.147
- Wild, J., Hackmann, A., & Clark, D. M. (2007). When the present visits the past: updating traumatic memories in social phobia. *Journal of Behavior Therapy and Experimental Psychiatry*, 38(4), 386–401. doi:10.1016/j.jbtep.2007.07.003
- Xie, B., & Salvendy, G. (2000). Review and reappraisal of modelling and predicting mental workload in single- and multi-task environments. *Work & Stress*, 14(1), 74–99. doi:10.1080/026783700417249

Anexos

Anexo A – Questionário de Heteroavaliação

- Em que medida é que o entrevistado/a aparenta estar a esforçar-se mentalmente para conseguir responder à entrevista?
- Em que medida é que o entrevistado/a parece estar a pensar arduamente para conseguir responder à entrevista?
- Em que medida aparenta estar a ser difícil para entrevistado/a responder à entrevista?
- Quão ansioso/a parece ser o/a entrevistado/a?
- Quão nervoso/a aparentar estar o/a entrevistado/a?
- Quão inquieto/a aparentar estar o/a entrevistado/a?
- Em que medida o/a entrevistado/a tentou controlar o seu próprio comportamento?
- Em que medida o/a entrevistado/a tentou regular o seu próprio comportamento?
- Em que medida o/a entrevistado/a tentou dominar o seu próprio comportamento?
- Quão plausível considera o relato deste indivíduo?
- Quão detalhado considera o relato deste indivíduo?
- Acredita que o/a entrevistado/a esteve realmente no gabinete a realizar as tarefas que mencionou? ¹

¹ Apenas esta pergunta foi respondida de forma dicotómica.

Anexo B – Tarefas a realizar para preparar o gabinete

De seguida vai entrar num gabinete que terá de preparar para receber o Professor João Monteiro, um novo Professor do Departamento de Educação. Para isso deverá efetuar as instruções abaixo descritas. Quando acabar espere dentro do gabinete pela experimentadora.

Instruções:

1. Coloque no saco plástico as três garrafas e o envelope vazio e deixe o saco no canto da janela.
2. Coloque o telefone que está dentro do armário, em cima da secretária, no canto superior esquerdo.
3. Da mesma forma, vá buscar o agraphador, o furador e a caixa de cliques ao armário e coloque-os em cima da mesa, no canto superior direito.
4. No quadro, escreva o ano em que nos encontramos (à frente de ANO) com o marcador azul.
5. Da mesma forma, escreva no quadro, à frente de “Observações” (OBS.), “Bem-Vindo à UA”, com o marcador verde.
6. Coloque a cadeira sem rodas, que se encontra ao pé da porta, à frente da secretária, mais perto da janela.
7. Coloque a cadeira com rodas atrás da secretária.
8. Feche o estore.